

# O verbo modal ‘poder’ no espanhol peninsular falado: um estudo de diferentes modalidades

(The modal verb ‘*poder*’ in spoken peninsular Spanish: a study of distinct modalities)

**Natália Rinaldi**

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista  
“Júlio de Mesquita Filho” (Ibilce - Unesp)

nataliarinaldi0@hotmail.com

**Abstract:** This paper aims to analyze the modal verb ‘*poder*’ as an element to express distinct modalities in spoken peninsular Spanish. Based on a functionalist perspective of language — in which the real context of communication is relevant and Pragmatics holds primacy over Semantics, whereas the latter holds primacy over Syntax —, Hengeveld (2004) made a distinction between two important parameters for the study of modality: target of evaluation; semantic domain. Besides these two elements of analysis, both the characteristics of the subject of the modal verb in the utterance as well as the tense and mood of the verb have been selected. The analysis confirms the polysemy of the modal and the necessity to research into the context in which the utterance occurs.

**Keywords:** verb ‘*poder*’; functionalism; modality; peninsular Spanish.

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar o verbo modal ‘poder’ enquanto meio de expressão de diferentes modalidades no espanhol peninsular falado. Dentro de uma perspectiva funcionalista da linguagem, na qual se considera o contexto real de comunicação e na qual a pragmática tem primazia sobre a semântica e esta sobre a sintaxe, Hengeveld (2004) faz uma distinção entre dois parâmetros relevantes para o estudo da modalidade: alvo de avaliação e domínio semântico. Além desses dois elementos de análise, foram selecionados as características do sujeito do verbo modal no enunciado produzido e o modo e tempo verbal em que tal verbo aparece. A análise confirma a polissemia do modal e a necessidade de investigar o contexto em que a sentença ocorre.

**Palavras-chaves:** verbo ‘poder’; funcionalismo; modalidade; espanhol peninsular.

## Introdução

Assumindo o ponto de vista de que nenhum tipo de enunciado foge à avaliação subjetiva do falante, pode-se dizer que muito há a ser analisado sobre modalidade. É sabido que há diversas maneiras de expressá-la, tais como por meio de advérbios, adjetivos, substantivos, verbos plenos, verbos auxiliares, entre outros.

Neste trabalho, no entanto, o foco será dado ao verbo auxiliar ‘poder’ no espanhol peninsular falado. As ocorrências selecionadas pertencem a amostras do Projeto PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*), coordenado pelo professor Francisco Moreno Fernández, da Universidad de Alcalá de Henares, Espanha.<sup>1</sup> Busca-se mostrar que, a depender do contexto em que ocorre, esse modal serve de expressão ora de uma modalidade ora de outra, como se observa a seguir:

---

<sup>1</sup> Foram escolhidas duas entrevistas do nível de instrução superior e duas do nível de instrução média de cada uma das cidades espanholas de Granada e de Alcalá de Henares.

- (01) tampoco **puedo** hablar en general ¿no?/ porque no conozco mucho (12H – GR19)
- (02) ¿te **puedo** hablar también de lugares? (12H – GR19)
- (03) bueno eso depende a lo mejor al ritmo que voy yo a lo mejor **puedo** tardar en lo que me queda de vida ¿no? (07H – AH19)

Nota-se que em (01), (02) e (03), há uma mesma forma verbal (*puedo*) para diferentes leituras semânticas. Em (01), o falante deixa explícita a sua incapacidade de falar sobre o assunto que lhe foi solicitado, uma vez que desconhece o tema; desse modo, pode-se dizer que se está no eixo das capacidades e da modalidade facultativa, portanto. No exemplo (02), o entrevistado pergunta ao entrevistador se tem a permissão de falar sobre lugares, tendo em vista que, nesse jogo comunicativo, ele tem o papel de “subordinado” em relação ao entrevistador, que, por sua vez, tem o papel de impor as “regras” da entrevista; assim, pode-se dizer que se está no eixo das permissões, condutas e proibições e da modalidade deôntica, portanto. Já em (03), percebe-se que o falante explicita uma possibilidade/incerteza em relação ao tempo que lhe resta de vida; dessa maneira, pode-se dizer que se está no eixo das possibilidades e das crenças e conhecimento do indivíduo e da modalidade epistêmica, portanto.

Como se pode observar, as leituras decorrentes do verbo *poder* só podem ser realizadas a partir da leitura do contexto em que as ocorrências ocorrem. Nesse sentido, busca-se não só elementos extralinguísticos, mas também marcas linguísticas que possam ajudar a determinar o conjunto de traços que, juntos, ocorram com mais uma ou outra modalidade.

### **A modalidade e o verbo modal *poder***

A complexidade que envolve o tema da modalidade não se encontra somente no fato de as línguas naturais não serem lógicas, na questão da existência de neutralidade ou não na enunciação ou na classificação das modalidades: ela está presente também na “simples” definição do termo.

Segundo Coracini (1991),

[...] a modalidade é a expressão da subjetividade de um enunciador que assume com maior ou menor força o que enuncia, ora comprometendo-se, ora afastando-se, seguindo normas determinadas pela comunidade em que se insere. A isso não escapa o discurso científico. (p. 113)

De maneira genérica, Quirk et al. (1985) dizem que modalidade é o modo pelo qual o significado de uma frase é qualificado, refletindo, assim, o julgamento do falante sobre a probabilidade de ser verdadeira a proposição que ele expressa.

De acordo com Cervoni (1989), é necessário, ainda, considerar a dificuldade de se analisar os elementos modais. Tal dificuldade deve-se ao fato de que tanto um mesmo modal pode expressar diferentes tipos de modalidade, como uma mesma modalidade pode ser expressa por diferentes elementos, como verbos, advérbios, adjetivos, substantivos, tempo e modo verbal, entre outros.

A esse respeito, como já foi mostrado anteriormente, pode-se afirmar que o verbo modal *poder* propicia uma gama de estudos, tendo em vista sua polissemia. Mira Mateus et al (1983) defendem que as modalidades têm estado quase exclusivamente relacionadas aos verbos modais, dentre eles o *poder*, e que tais modais constituem por si só modalidades lexicalizadas. Os autores utilizam, ainda, o verbo *poder* para exemplificar ambiguidades entre as modalidades epistêmica e deôntica nos enunciados.

Segundo apontam Brunelli e Gasparini-Bastos (2011), em estudo realizado sobre o modal *poder* em português e em espanhol, pode-se afirmar que a polissemia desse auxiliar enfatiza o potencial comunicativo de uma língua enquanto sistema linguístico. Como mostram as autoras, há enunciados em que tal verbo auxiliar modal apresenta ambiguidades entre capacidade, possibilidade e permissão, nas duas línguas analisadas.

Em se tratando do espanhol, Skotarek (1996), ao falar sobre modalidade nessa língua, refere-se ao modal *poder* como uma das formas básicas de expressão das modalidades epistêmica e deôntica no idioma.

Em um estudo sobre os verbos *poder* e *dever* como auxiliares modais no espanhol, Silva-Corvalán (1995) afirma que esses são verbos especiais, em virtude de seus aspectos sintáticos e semânticos, e que deveriam ser considerados uma classe em espanhol. Ainda segundo a autora, estudos relacionados a esses dois modais são muito relevantes, pois os “modais espanhóis têm recebido pouca atenção” (SILVA-CORVALÁN, 1995, p. 68).

Dessa forma, pode-se dizer que o que se defende é o tratamento dos valores modais expressos pelo verbo *poder* a partir do contexto em que o enunciado é produzido.

## **A visão funcionalista**

Do ponto de vista funcionalista da linguagem, toda explicação linguística deve ser buscada na relação entre linguagem e uso; desse modo, torna-se obrigatória a explicação do fenômeno linguístico com base nas relações contraídas no discurso, isto é, falante, ouvinte, informação pragmática pressuposta de ambos e contexto sociointeracional. Em outras palavras, de acordo com Pezatti (2004), entende-se a linguagem como instrumento de comunicação e interação social e, assim, o objeto de estudo deve ser baseado em condições reais do uso da língua.

É nesse contexto que a ideia de Neves (1996) assemelha-se à de Koch (1993) quando afirma que “o que se preconiza é que a modalização só se conclui no enunciado revestido da força ilocucionária” (NEVES, 1996, p. 169). Ou seja, uma vez que as modalidades revelam a atitude do falante perante o enunciado produzido, pode-se considerá-las como parte da atividade ilocucionária, em que os atos ilocucionários são, de acordo com Parret (1976<sup>2</sup>, apud KOCH, 1993), motivados pelo jogo de produção e do reconhecimento dos propósitos do falante, que podem ser classificáveis e convencionalizados.

Parece indiscutível, portanto, que para se classificar as modalidades é necessário recorrer às informações contextuais, isto é, à pragmática, já que o falante, ao produzir um enunciado, manifesta suas intenções e sua atitude conforme o conhecimento de mundo que possui.

---

2 PARRET, H. *History of linguistic thought and contemporary linguistics*. Berlin: de Gruyter, 1976.

Dentro de um modelo funcionalista da linguagem, adotado nesta pesquisa, Hengeveld (2004), ao classificar as categorias modais, distingue dois parâmetros importantes para o estudo da modalidade: alvo da avaliação e domínio semântico da avaliação. O primeiro parâmetro, **alvo da avaliação**, refere-se à parte do enunciado que é modalizada. É dentro desse parâmetro que são feitas algumas distinções entre as modalidades, as quais podem estar orientadas:

- a) para o participante: nesse caso, afetam “a parte relacional do enunciado. Dizem respeito à relação entre (propriedades de) um participante em um evento e a realização potencial desse evento” (HENGEVELD, 2004, p. 1192).
- b) Para o evento: afetam “a descrição do estado-de-coisas presente no enunciado, isto é, a parte descritiva de um enunciado” (HENGEVELD, 2004, p. 1193) e referem-se à avaliação objetiva da realidade do evento.
- c) Para a proposição: afetam “o conteúdo proposicional do enunciado, ou seja, a parte do discurso que representa o ponto de vista e as crenças do falante” (HENGEVELD, 2004, p. 1193) e relacionam-se com o grau de comprometimento do falante em relação à proposição.

O segundo parâmetro proposto por Hengeveld (2004) está relacionado ao **domínio semântico** em que a avaliação do falante é feita. A partir do significado que a modalidade expressa no enunciado, ela pode ser:

- a) Facultativa: relacionada às capacidades intrínsecas ou adquiridas;
- b) Deontica: referente ao que é legal, social e moralmente permitido ou obrigatório;
- c) Volitiva: referente ao que é desejável;
- d) Epistêmica: relacionada ao conhecimento e crenças do falante;
- e) Evidencial: referente à fonte da informação contida no enunciado.

## **Análise dos dados**

A análise dos dados foi realizada a partir da perspectiva funcionalista de linguagem apresentada na seção anterior. Além da classificação de Hengeveld (2004), foram utilizados alguns outros parâmetros de análise, tais como a pessoa gramatical do sujeito, os traços [humano] e [animado] do sujeito, a agentividade do sujeito e o tempo e o modo verbal em que o auxiliar *poder* ocorre. Assim, as 174 ocorrências analisadas foram agrupadas a partir do domínio semântico que o modal *poder* expressa em cada uma delas, de modo que essa investigação resultasse em um conjunto de evidências linguísticas para cada subtipo de modalidade.

Em relação ao domínio semântico, a modalidade epistêmica foi a mais encontrada, seguida pela facultativa e, por último, pela deontica, como aponta a tabela 1:

**Tabela 01: Domínio Semântico**

Facultativa	Deôntica	Epistêmica
60 (34,5%)	20 (11,5%)	94 (54%)
Total: 174 (100%)		

No que se refere ao alvo da avaliação, pode-se dizer que a orientação para o evento foi a mais recorrente entre as três modalidades encontradas. Para as modalidades facultativa e deôntica, a orientação para o participante foi a segunda mais recorrente.<sup>3</sup> Observe a próxima tabela, que traz os números da orientação das modalidades de modo mais específico:

**Tabela 02: Domínio Semântico e Alvo de Avaliação**

Facultativa (60)	Deôntica (20)	Epistêmica (94)	
Participante	28 (16%)	07 (4%)	/
Evento	32 (18,5%)	13 (7,5%)	94 (54%)
Proposição	/	/	- <sup>4</sup>
Total: 174 (100%)			

Seguem algumas ocorrências que representam todas as combinações possíveis entre domínio semântico e alvo da avaliação:

- *Poder facultativo para o participante*

(04) mi abuela siempre ha estado mal [...] ya no **podía** ni andar. (12H – GR19)

No exemplo (04), nota-se que o verbo *podía* expressa a incapacidade de um participante de realizar o evento (andar).

- *Poder facultativo para o evento*

(05) ¿me **podrías** decir/ hablar un poquito de cómo/ recuerdas tú/ tu infancia? (12H – GR19)

No exemplo (05), o verbo *podrías* é utilizado para expressar a capacidade de realização de um estado de coisas, ou seja, é colocado em questão a capacidade de realização do evento (dizer, falar da infância) dentro das circunstâncias em que os usuários estão inseridos, visto que, em se tratando da infância do entrevistado, não está sendo questionada a capacidade de ele ter o que dizer.

- *Poder deôntico para o participante*

(06) Y entonces tengo ganas de ir/ a ver si pa(ra) Semana Santa/ **puedo** escaparme// aunque sea una semana. (31H – GR0)

3 Segundo Hengeveld (2004), as modalidades facultativa e deôntica só podem ocorrer orientadas para o participante e para o evento, nunca para a proposição; já a modalidade epistêmica só ocorre orientada para o evento e para a proposição, não tendo como alvo da avaliação, portanto, o participante.

4 No idioma espanhol, é possível encontrar a construção *puede* que (equivalente ao que em português seria *pode ser*) como uma forma de expressão do verbo *poder* que atinge o nível da proposição. No entanto, como o âmbito deste trabalho se restringe ao modal na sua condição de auxiliar, essas ocorrências não foram consideradas.

No exemplo (06), o verbo modal *poder*, em sua forma *puedo*, indica uma permissão do participante: nas circunstâncias descritas no enunciado, ele espera permissão de um superior (um patrão, chefe, etc.), para sair e viajar no feriado.

- *Poder deôntico para o evento*

- (07) aunque haya tu momento de risicas pero que// que no **puedes** estar/ todo el día de cachondeo en la tienda. (13H – AH01)

No exemplo (07), há a descrição de uma proibição geral, uma não permissão para a realização de um evento (não se está permitido estar o dia todo de brincadeira na loja). Nota-se que não há um sujeito enunciativo que assume a responsabilidade pela proibição. Na verdade, a proibição é atribuída a uma norma geral, já estabelecida.

- *Poder epistêmico para o evento*

- (08) a mí me gustaría ver// los archivos esos secretos que dicen que hay en el Vaticano ¿no? y:- y todos los secretos que **puede** tener: cada país ¿no? (08H – AH20)

No exemplo (08), o falante, por meio da forma verbal *puede*, coloca em dúvida a existência do estado-de-coisas (ter segredos). Ou seja, trata-se de uma possibilidade.

No que se refere ao próximo fator de análise, isto é, à pessoa gramatical do sujeito, pode-se dizer que cada modalidade apresentou uma prevalência, ainda que não muito alta, um pouco diferente das outras: ao passo que a modalidade facultativa ocorreu mais com sujeito na primeira pessoa, a modalidade deôntica ocorreu mais com oração sem sujeito ou com sujeito indeterminado (o que, na tabela, denominou-se *Outros*), e a modalidade epistêmica surgiu mais frequentemente em ocorrências cujo sujeito é de terceira pessoa. O resultado confirma a hipótese de Heine (1995), que defende que a expressão da modalidade facultativa está relacionada à primeira e à segunda pessoa e a expressão da modalidade epistêmica está relacionada à terceira pessoa.

**Tabela 03: Domínio Semântico e Pessoa gramatical do sujeito**

	Facultativa (60)	Deôntica (20)	Epistêmica (94)
1ª pessoa	20 (11,5%)	06 (3,5%)	07 (4%)
2ª pessoa	08 (4,5%)	04 (2%)	02 (1%)
3ª pessoa	17 (10%)	01 (2%)	47 (27%)
Outros	15 (8,5%)	09 (5%)	38 (21%)
Total: 174 (100%)			

Abaixo seguem ocorrências para exemplificar os casos mais frequentes de cada domínio semântico:

- *Poder facultativo com sujeito de 1ª pessoa*

- (09) En aquella época/ nosotros decíamos “si nos volvemos a mudar// ojalá **podamos** comprar/ comprar esta// esta casa” como la otra. (12H – GR19)

No exemplo (09), há um caso de sujeito na primeira pessoa do plural, *nosotros*, e, aqui, o modal assume valor semântico de capacidade (financeira), expressando modalidade facultativa, portanto.

- *Poder deôntico com indeterminação do sujeito*

(10) ya se **puede** acabar ¿eh? cuando queráis. (08H – AH20)

No exemplo (10), encontra-se um exemplo de sujeito indeterminado por meio da construção passiva (*se puede acabar*); aqui se trata de uma permissão que o entrevistador dá ao entrevistado, haja vista a relação hierárquica existente nesse tipo de diálogo.

- *Poder epistêmico com sujeito de 3ª pessoa*

(11) periodismo **puede** ser de prensa o de radio y televisión. (14H – AH02)

No exemplo (11), observa-se uma ocorrência em que o sujeito da sentença *periodismo* é de 3ª pessoa, e a forma verbal *puede* expressa uma possibilidade, ou seja, está no domínio da modalidade epistêmica.

O próximo parâmetro a ser mencionado neste trabalho está relacionado aos traços [humano] e [animado] do sujeito da oração. A esse respeito, pode-se dizer que todas as modalidades ocorreram em maior quantidade com sujeito cujos traços são [+humano] e [+animado]. Esse resultado valida a proposta de Neves (2000), pois a autora considera que em uma ocorrência com modal *poder* e sujeito [+animado] podem ser feitas as leituras facultativa, deôntica ou, ainda, epistêmica. É interessante dizer que, no cópús investigado para esta pesquisa, não foi encontrada nenhuma ocorrência em que o sujeito possuísse os traços [-humano] e [+animado].

**Tabela 04: Domínio Semântico e Traços do sujeito**

	Facultativa (45)	Deôntica (11)	Epistêmica (56)
[+humano], [+animado]	43 (38,5%)	11 (10%)	29 (26%)
[-humano], [+animado]	-	-	-
[-humano], [-animado]	2 (1,5%)	-	27 (24%)
	Total: 112 (100%) <sup>5</sup>		

A seguir encontram-se ocorrências para exemplificar os casos mais frequentes de cada domínio semântico:

- *Poder facultativo com sujeito de traços [+humano] e [+animado]*

(12) no recuerdo prácticamente nada / que era muy bonito que me gustaba mucho // entonces no te **puedo** decir nada. (14H – AH02)

No exemplo (12), o sujeito do verbo *poder* (em sua forma *puedo*), que nesse caso expressa uma incapacidade do falante de falar sobre o assunto solicitado, está na 1ª pessoa (*yo*), que possui os traços [+humano] e [+animado].

- *Poder deôntico com sujeito de traços [+humano] e [+animado]*

(13) nosotros no podemos competir abrir los domingos// porque ¿cuándo descansamos?  
E: ¿no **podéis** hacer turnos? (12H – GR20)

No exemplo (13), o verbo *poder* (expresso como *podéis*), que serve como meio de manifestação da modalidade deôntica por se tratar de um contexto de trabalho, em que

<sup>5</sup> Somente ocorrências com sujeito.

algum superior (um chefe, um gerente, etc.) é quem permite ou proíbe que os indivíduos realizem ou não turnos em seu emprego, tem como sujeito a segunda pessoa (*vosotros*), que possui os traços [+humano] e [+animado].

- *Poder epistêmico com sujeito traços [+humano] e [+animado]*

(14) mi encargado lleva ya veintiséis años // no **puedo** estar comparándome con él// que ha vendido/ abrigos de más de tres mil euros. (12H – GR20)

No exemplo (14), o sujeito do verbo *poder* encontra-se na 1ª pessoa (*yo*), que possui os traços [+humano] e [+animado]; aqui se tem a expressão da modalidade epistêmica, uma vez que o falante coloca como impossível uma comparação entre ele e seu colega de trabalho que já possui mais experiência na atividade que exercem.

Outro fator de análise analisado para esta pesquisa refere-se à agentividade do sujeito, isto é, ao fato de que o sujeito pode ter [+controle] ou [-controle] sobre o predicado em que se encontra o verbo modal analisado. Como resultado desse parâmetro, notou-se que as modalidades facultativa e deôntica ocorreram mais frequentemente com sujeitos que possuem [+controle] sobre o predicado em que está inserido<sup>6</sup>; já a modalidade epistêmica apresentou maior ocorrência com sujeitos que possuíam o traço [-controle] sobre o predicado. Os dados mostram que a hipótese de Klinge (1996) é validada neste trabalho, uma vez que o autor propõe que as ocorrências em que o sujeito tem controle sobre o predicado ([+controle]) sejam interpretadas como deôntica ou facultativa e os enunciados em que não há controle ([-controle]) do sujeito recebam leitura epistêmica.

**Tabela 05: Domínio Semântico e Agentividade do sujeito**

	Facultativa (45)	Deôntica (11)	Epistêmica (56)
+controle	41 (36,5%)	10 (9%)	18 (16%)
-controle	4 (3,5%)	1 (1%)	38 (34%)
Total: 112 (100%)			

Observe as ocorrências para exemplificar os casos mais frequentes de cada domínio semântico:

- *Poder facultativo com sujeito de traço [+controle]*

(15) eso la gente de Alcalá te lo **puede** decir pero la gente que hemos venido aquí no. (14H – AH02)

No exemplo (15), o sujeito (*la gente de Alcalá*) do verbo *poder* (em sua forma *puede*), que nesse caso expressa a capacidade de os moradores da cidade falarem sobre o assunto mencionado, possui o traço [+controle] sobre o estado-de-coisas (dizer sobre o tema).

- *Poder deôntico com sujeito de traço [+controle]*

(16) hay gente que está de vacaciones mucha gente que no **puede** ir /// o sea que tiene que trabajar (12H – R20)

<sup>6</sup> Se se considerar o eixo básico dessas duas modalidades (capacidades/habilidades e permissão/proibição respectivamente), pode-se dizer que é realmente esperado que haja um sujeito controlador da realização do estado-de-coisas.



No exemplo (16), percebe-se que há um traço [+controle], pois o verbo *poder* (expresso como *puede*) expressa a proibição de pessoas que não podem viajar por ter que trabalhar, ou seja, porque possuem essa necessidade e obrigação.

- *Poder epistêmico com sujeito de traço [-controle]*

- (17) un nivel universitario de hace veinte años pues tiene más conocimientos/ la enseñanza ha si(d)o más individualizada// el aprendizaje **puede** ser mayor. (31H – GR02)

No exemplo (17), encontra-se um caso em que o sujeito (*el aprendizaje*) do verbo, que aqui expressa uma possibilidade, não possui o traço [+controle] sobre o predicado (ser maior).

O último parâmetro de análise analisado está relacionado ao modo e tempo verbal em que o verbo apareceu no corpus. O que se procurou verificar foi em que medida uma determinada modalidade está relacionada ao tempo e modo em que o verbo aparece, dado que, conforme afirmam Mira Mateus *et al.* (1983) e Koch (1993), o modo verbal pode exprimir a relação que há entre locutor e estado-de-coisas. Em outras palavras, o modo verbal pode ser um meio pelo qual o falante avalia o que está sendo dito. Seria o modo indicativo o que menos expressa a avaliação do sujeito em relação ao enunciado e o modo subjuntivo o que está relacionado à probabilidade, à possibilidade do evento e à vontade e às crenças do falante. Desse modo, a hipótese é a de que o subjuntivo ocorra especialmente com a modalidade epistêmica. No entanto, pode-se dizer que, sob um olhar geral, não foi possível determinar em que medida isso ocorre com todos os tempos e modos verbais, uma vez que todas as modalidades demonstraram uma alta frequência com o verbo no Presente do Indicativo, o que confirma a polissemia do modal e a necessidade de analisar o contexto das ocorrências, uma vez que sua forma é idêntica e seu significado, distinto.

**Tabela 06: Domínio Semântico e tempo e modo verbal**

	Facultativa (45)	Deôntica (11)	Epistêmica (56)
Pretérito do Indicativo	07 (6,5%)	03 (2,5%)	03 (2,5%)
Presente do Indicativo	26 (23%)	07 (6,5%)	40 (36%)
Futuro do Indicativo	06 (5%)	01 (1%)	02 (2%)
Pretérito do Subjuntivo	-	-	03 (2,5%)
Presente do Subjuntivo	06 (5%)	-	08 (7,5%)
	Total: 112 (100%)		

Abaixo seguem ocorrências, todas com a forma verbal *puedes*,<sup>7</sup> para exemplificar os casos mais frequentes de cada domínio semântico:

- *Poder facultativo no Presente do Indicativo*

- (18) me gusta relacionarme con gente creativa [...] si **puedes** ilustrar alguna cosa... (14H – AH02)

No exemplo (18), tem-se a forma verbal *puedes* expressando uma capacidade de alguém ilustrar algo dito no diálogo.

<sup>7</sup> Em espanhol, assim como no português ocorre com o pronome *você*, o pronome *tú* pode servir (como nos exemplos 18, 19 e 20) para expressar um sujeito geral, ou seja, uma indeterminação e não especificamente a 2ª pessoa com quem se fala no discurso.

- *Poder deôntico no Presente do Indicativo*

(19) en medicina no **puedes** estudiar sólo teoría/ tienes que hacer prácticas. (14H – AH02)

No exemplo (19), a forma verbal *puedes* adquire outro sentido, passa a ter uma significação de obrigação geral, imposta já na sociedade e em universidades, de que, quando se estuda medicina, o indivíduo tem a obrigação de realizar a prática e não só estudar a teoria.

- *Poder epistêmico no Presente do Indicativo*

(20) al final **puedes** con chocar las personalidades y lo pasas mal. (12H – GR19)

No exemplo (20), nota-se que a forma verbal *puedes* possui outro valor semântico diferente dos dois anteriores, uma vez que, nesse caso, há a expressão de uma possibilidade (de as pessoas não se identificarem e ter conflitos de personalidades).

## Considerações finais

Dentro do embasamento teórico a partir do qual este trabalho foi realizado, isto é, um modelo funcionalista de análise, em que se deve entender e analisar a linguagem a partir de seu contexto discursivo, ou seja, a partir da Pragmática, buscou-se realizar uma análise das ocorrências identificadas com o verbo modal *poder* enquanto verbo auxiliar, procurando descrever, com base no contexto e em outros parâmetros de análise, tendências de contextos que favoreçam uma ou outra modalidade.

Desse modo, considere a Tabela 07, em que constam as características mais recorrentes das três modalidades expressas pelo modal *poder* no corpúsculo selecionado:

**Tabela 07: Tendências das modalidades**

	Facultativa	Deôntica	Epistêmica
Ocorrências (total de 174)	60 (34,5%)	20 (11,5%)	94 (54%)
Alvo da Avaliação	Evento	Evento	Evento
Pessoa Gramatical do sujeito	1ª pessoa	Outros	3ª pessoa
Traços do sujeito	+humano +animado	+humano +animado	+humano +animado
Agentividade do sujeito	+controle	+controle	-controle
Tempo e modo verbal	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo

Para finalizar o que diz respeito a esta pesquisa, acredita-se que a modalidade, enquanto forma subjetiva de avaliação do falante a respeito do seu enunciado, deve ser analisada dentro do contexto em que foi produzida, uma vez que diversos fatores, de ordem linguística ou não, podem interferir e alterar sua interpretação. Em se tratando de verbos modais, a necessidade de se considerar o enunciado como um todo é ainda maior, haja vista a polissemia desses elementos, em especial a do ‘poder’, como aqui foi demonstrada.

## REFERÊNCIAS

- BRUNELLI, A. F.; GASPARINI-BASTOS, S. D. O comportamento do verbo modal *poder* no discurso de autoajuda: uma investigação no português e no espanhol. *Estudos Linguísticos*, v. 1, n. 1, p. 60-70, 2011.
- CERVONI, J. *A enunciação*. São Paulo: Ática, 1989.
- CORACINI, M. J. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. São Paulo: Educ; Campinas: Pontes, 1991.
- HEINE, B. Agent oriented vs. epistemic modality: some observations on German modals. In: BYBEE, J.; FLEISCHMAN, S. (Ed.). *Modality in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 17-53.
- HENGEVELD, K. Illocution, mood and modality. In: BOOIJ, G.; LEHMANN, C.; MUGDAN, J. (Ed.) *Morphology: a handbook on inflection and word formation*. v. 2. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 1190-1201.
- KLINGE, A. The impact of context on modal meaning in English and Danish. *Nordic Journal of Linguistics*, v. 19, p. 35-34, 1996.
- KOCH, I. G. V. Argumentação e linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1993. p. 74-88.
- MIRA MATEUS, M, H. et al. *Gramática da língua portuguesa: elementos para a descrição da estrutura, funcionamento e uso do português actual*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.
- NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do português falado 6: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1996. p. 163-200.
- \_\_\_\_\_. A polissemia dos verbos modais. Ou: falando de ambiguidades. *Alfa*, v. 44, p. 115-145, 2000.
- PEZATTI, E.G. O funcionalismo em linguística. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, v.3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 165-173.
- QUIRK, R. et al. *A comprehensive grammar of the English language*. 7. ed. London: Longman, 1985.

## CÓRPUS DO ESPANHOL FALADO

MORENO FERNÁNDEZ, F.; CESTERO MANCERA, A. M.; MOLINA MARTOS, I.; PAREDES GARCÍA, F. *La lengua hablada en Alcalá de Henares*. I: Hablantes de instrucción superior. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2002.

\_\_\_\_\_. *La lengua hablada en Alcalá de Henares*. II: Hablantes de instrucción media. Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

MOYA CORRAL, J. A. (Coord.). *El español hablado en Granada*. Corpus oral para su estudio sociolingüístico. I: Nivel de estudios alto. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2007.

\_\_\_\_\_. *El español hablado en Granada*. Corpus oral para su estudio sociolingüístico. II Nivel de estudios medio. Granada: Editorial Universidad de Granada, 2008.